



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA– DF**

MARIA ROSALVA DA SILVA

**O ENSINO DE FILOSOFIA: ENTRE A QUESTÃO PEDAGÓGICA E O
PROBLEMA FILÓSOFICO**

**CAMPINA GRANDE/PB
2017**

MARIA ROSALVA DA SILVA

**O ENSINO DE FILOSOFIA: ENTRE A QUESTÃO PEDAGÓGICA E O
PROBLEMA FILÓSOFICO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Filosofia da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento a exigência
para obtenção do grau de Graduado em
Filosofia.

Orientador: Prof. Me. Francisco Diniz de
Andrade Meira.

**CAMPINA GRANDE/PB
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586e Silva, Maria Rosalva da
O ensino de filosofia: entre a questão pedagógica e o problema filológico [manuscrito] / Maria Rosalva da Silva. - 2017. 20 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.
"Orientação: Prof. Me. Francisco Diniz de Andrade Meira, Departamento de Filosofia".

1. Ensino de filosofia 2. Formação do professor 3. Ensino médio I. Título.

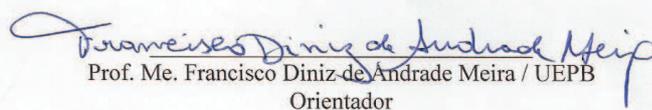
21. ed. CDD 371.12

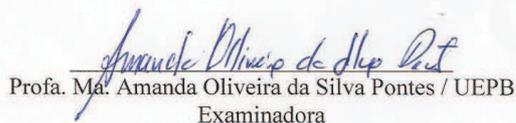
MARIA ROSALVA DA SILVA

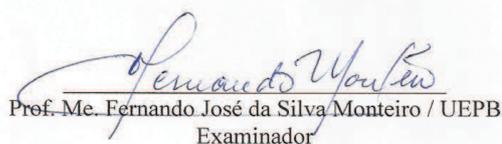
O ensino de Filosofia: entre a questão pedagógica e o problema filosófico

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 11/04/2017.


Prof. Me. Francisco Diniz de Andrade Meira / UEPB
Orientador


Prof. Ma. Amanda Oliveira da Silva Pontes / UEPB
Examinadora


Prof. Me. Fernando José da Silva Monteiro / UEPB
Examinador

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
O PAPEL DO PROFESSOR NAS AULAS DE FILOSOFIA	06
A ABORDAGEM FILOSÓFICA DA EDUCAÇÃO	10
A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO PARA ENSINAR FILOSOFIA	13
CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	19

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir a Filosofia no Ensino Médio homologado pelo Parecer CNE/CEB nº 38/2006 que assegura a inclusão das disciplinas de Filosofia e Sociologia como componentes curriculares obrigatórios. Sente-se que a medida traz várias vantagens para o aprendizado dos alunos, por outro lado, a medida trouxe consigo a necessidade de uma discussão mais aprofundada acerca da natureza da Filosofia e do que se pode esperar dela enquanto disciplina obrigatória para o Ensino Médio. Por outro lado, o problema maior é em relação ao professor de Filosofia, que nunca frequentou um Curso de Filosofia em uma Universidade e aplica a disciplina sem nenhum embasamento ou conhecimento da disciplina. Pesquisas do próprio Ministério da Educação apontam que o problema é mais sério do que se pensa. Sendo papel do docente fazer as mediações necessárias em busca de uma autonomia. E, ao mesmo tempo, valoração do pensamento do indivíduo, com as devidas fundamentações adquiridas pelo conhecer filosófico. Desse modo quando o docente não possui a formação específica, implica-se grandes malefícios para a formação do educando. Temos um ideal que deveria ser alcançado com a aplicação da filosofia em sala de aula, porém o que foi observado está além desses princípios norteadores, pois temos dois enfrentamentos: professores não preparados e alunos com má formação. Sendo assim, o ensino de filosofia deve ser repensado com muita cautela, pois, nos padrões observados pela pesquisa, a situação é crítica e não está sendo efetivado aquilo que as políticas educacionais apresentam para o ensino da mesma.

Palavras-chave: Ensino de Filosofia. Formação do Professor. Ensino Médio.

INTRODUÇÃO

Depois de muito tempo fora da grade curricular do Ensino Médio, finalmente a Filosofia voltou a fazer parte dela. A partir desse retorno ganhou-se destaque as discussões sobre as produções de texto para o ensino da Filosofia.

A questão principal que passa a ser discutida é sobre a coerência e contradição entre os princípios gerais do Ensino Médio, as propostas de conteúdos e metodologia propostas pelo PCNEM e o currículo já consolidado no Ensino Médio.

Entende-se que o Ensino Médio é a última etapa da educação básica, ele encerra o círculo de preparação para o aluno chegar a Universidade, além de prepará-lo para o trabalho e para a cidadania. Por isso, a importância de oferecer ao aluno condições para uma formação ética e intelectualmente autônoma, além de capacitá-lo para a compreensão dos fundamentos científicos e tecnológicos dos processos produtivos. Assim sendo, destaca-se como objetivos centrais do Ensino Médio: formação ética, autonomia intelectual e pensamento crítico.

Um professor de Filosofia tem que estar preparado no seu conhecimento para ministrar as aulas de filosofia conforme as orientações propostas para o ensino de Filosofia. Quem deve ministrar as aulas de Filosofia? Qualquer um pode ser professor de Filosofia? Nas aulas de Matemática, encontramos na sala de aula um matemático, o mesmo acontece nas aulas de Biologia e várias outras ministradas no Ensino Médio. Então as aulas de Filosofia devem ser ministradas com um professor com formação em Filosofia que promova a produção filosófica.

No Brasil, encontramos professores com formação em outras áreas, sem nenhum conhecimento sobre o saber filosófico e sua significância para a formação intelectual do aluno. Eles são apenas repetidores dos manuais oferecidos pelas escolas e sem qualidade de aprofundamento no campo da filosofia.

O professor de filosofia, dentro do que entendemos, vai preparar o aluno para pensar filosoficamente, organizar perguntas num problema filosófico, ler e escrever filosoficamente, a investigar e dialogar filosoficamente, avaliar filosoficamente, criar saídas filosóficas para o problema investigado. E vai ensinar tudo isso na prática, na sua prática e na prática dos alunos.

Com este trabalho pretendemos ressaltar a problemática sobre o ensino de filosofia e também os desafios de ser professor, além das suas necessidades formativas. Assim sendo, o nosso objetivo principal é discutir como a Filosofia está

sendo ministrada aos alunos do Ensino Médio e de que forma que usa-se a filosofia, se como produto ou como processo.

O PAPEL DO PROFESSOR NAS AULAS DE FILOSOFIA

A Filosofia como ensino obrigatório no Ensino Médio, se deu pela Lei 11.684 de junho de 2008, revogando a Lei 9394/96, que determinou que a Filosofia e Sociologia fizessem parte do Currículo Escolar, porém não às fez obrigatória. Fazendo com que entre a citação na lei de 1996 e a obrigatoriedade na lei de 2008, passassem 12 anos.

A partir da Lei 11.684, tiveram início os debates para a inclusão de como seria o ensinar Filosofia no Ensino Médio? Haveria professores suficientes com formação acadêmica? Essas e outras perguntas eram frequentes para que a Filosofia passasse a fazer parte do currículo escolar. Até os dias de hoje a Filosofia ainda não é aceita completamente pela escola e existe um certo preconceito a partir do alunado que por não entender certos conceitos filosóficos acham desnecessário participar das aulas.

Entendendo que o ensino de Filosofia no espaço da escola é uma problemática atual e não devidamente considerada. De um lado há o reconhecimento social de sua importância e necessidade; de outro, a carência de propostas de cunho metodológico. Diante disso, a Filosofia no ensino médio necessita conquistar seu espaço, tanto no campo político-institucional como no plano de sua efetivação no currículo. Diante desse entendimento emergem indagações sobre a natureza dos conteúdos filosóficos a ser ensinados e sobre pressupostos epistemológicos e metodológicos que fundamentam a prática do ensino da disciplina. (GHEDIN, 2009, p. 25).

Muitas questões levantadas sobre o ensino de Filosofia, uma que se destaca é de como ensinar filosofia, como envolver os alunos fazendo com que esses possam participar das aulas e aprendam a gostar dos conteúdos ministrados pelos professores.

É um grande desafio para o professor de filosofia fazer com que a Filosofia seja algo atraente, que chame a atenção dos alunos e mostre a esses que a filosofia pode transformar o sujeito, ajudando-o a torna-se um indivíduo que pensa por si próprio.

O ensino de filosofia revela-se um fazer social e ideológico que se inclui entre outros fazeres sociais e culturais e mantém uma relação de interdependência com eles. É desse ponto que ele deve partir. Há que se manifestar como crítica das relações de sociais e das ideologias políticas, possibilitando a formação de uma consciência crítica no educando, não como imposição, mas como processo de autodescoberta. O ponto de partida do ensino situa-se na realidade, e é ela que constitui o limite ou possibilidade do pensar crítico. (GHEDIN, 2009. p. 148).

A escola de modo geral, como resultado de um processo histórico, procura inibir o pensar do aluno para que ele seja um ser domesticado. A educação é algo intocável quando se tenta alguma mudança. O modelo já está pronto há décadas, não se pode fazer nenhuma mudança nesse modelo que julgam estar dando certo.

A escola é tradicional, ela não se lança na direção da problematização, da dúvida, do questionamento. Segue sempre o que determina as orientações, as leis criadas para o seu regimento. É algo que não busca uma mudança, não consegue romper com a tradição de um ensino fundado só na reprodução de conteúdos.

O ensino de filosofia, mesmo que apenas no ensino médio vai contra essa corrente tradicionalista, pois o aluno deixa de ser reprodutor e passa a ser um ser pensante, questionador, participativo, que quer ouvir e ser ouvido, debater sobre o destino da educação e seu meio social.

O homem deve sempre fazer perguntas, dessa revolucionamos o mundo. Se calarmos e não perguntamos, as verdades se transformam em dogmas e o homem vira algo que acredita em tudo que se passa a sua frente. Tudo pode e deve ser questionado, é a curiosidade que vai levar ao saber. Quem não pergunta é aquele que já tem certeza. Somos treinados para consumir aquilo que a escola produz sem questionar. Então o professor de filosofia deve ensinar o aluno a fazer perguntas, deixar as coisas claras, incomodar o jovem para que o mesmo possa criar suas perguntas e buscar suas respostas. Esse é um bom exercício para a aprendizagem do pensar.

Segundo Dewey (1979, p. 56):

A formação de hábitos de pensamento reflexivo é o problema de estabelecer condições que irão despertar e orientar a curiosidade de determinar associações entre coisas experienciadas que posteriormente promoverão um fluxo de sugestões e criar problemas e objetivos que favorecerão o encadeamento lógico na sucessão de ideias.

O professor de Filosofia é um transformador. O ensino de filosofia deve ser ativo, estar além da mera reprodução e assimilação do que pensaram os filósofos ao

longo da história. Deve-se ter o conhecimento da história e dela tirar proveitos, pois sem ela não existiria a filosofia.

Não há filosofia se não há o questionamento. A essência da questão filosófica é o perguntar sobre todas as coisas; a verdade não é absoluta na realidade do homem, da sociedade e de toda a sua existência. O questionamento deve ser direcionado a si próprio, ao outro e ao seu meio social, perguntando sempre como se faz isso.

O tradicionalismo da escola cada vez mais afasta os jovens dessa, cada vez há um menor interesse desse pela escola. Os avanços tecnológicos disponíveis na atualidade são mais atrativos do que uma sala de aula que só reproduz o que se encontra nos livros didáticos.

Ensinar filosofia é um problema constante, não é preciso só ter o conhecimento e saber ensinar, o problema maior é como ensinar de forma que haja interesse por parte dos alunos. Como tornar o ensino de filosofia em algo agradável e acessível?

É importante pensar o que poderá, desde o início, trazer o interesse dos alunos para as aulas é a aproximação que se possa fazer das questões a serem tratadas e nossas vidas, nossa realidade. Certamente se conseguirmos logo no começo mostrar aos alunos que a filosofia trata questões humanas mais fundamentais e que estas são exatamente aquelas com as quais nos debatemos quando não estamos por demais tomados pelo corre-corre do cotidiano isso aumentará o seu interesse. Se conseguirmos introduzir os temas filosóficos a serem estudados posteriormente por meio de textos e imagens que não foram produzidos como filosofia, como por exemplo, filmes, músicas, reportagens, poesia, etc., mas que tenham conteúdos que possam contribuir para a elaboração da questão a ser estudada, isto certamente contribuirá para um maior interesse dos alunos. (ASPIS & GALLO, 2009, P. 76).

É preciso usar a criatividade e aproximar o estudo da filosofia do cotidiano do aluno para eles entenderem que a filosofia se preocupa com os problemas humanos, que faz parte da sua vida no seu dia a dia: que não é algo estranho e que eles podem também fazer sugestões de temas dos seus interesses que podem ser debatidos em sala de aula.

Chamar a atenção dos alunos para observar mais seu cotidiano e mostrar para eles que ali é que acontece as situações filosóficas. Isso acontecia no passado, os filósofos antigos discutia situações corriqueiras e meio as essas conversas se levantava dúvidas e divergências de opinião. Em meio as discussões buscava-se uma solução, porém, não eram estabelecidas verdades absolutas.

Tem-se que considerar a pré-aprendizagem dos problemas encontrados nas disciplinas filosóficas. É necessário ensinar filosofia a partir de uma pré-compreensão de suas origens. Deve-se estimular os alunos a criarem situações filosóficas sobre assuntos de seus interesse, despertando os mesmos para o dialogo e discussões e levando-os a entenderem o valor do saber filosófico.

O professor de Filosofia é um guia ajudando o aluno a trilhar caminhos do conhecimento. Em sua presença na sala de aula o professor de filosofia lida com os acontecimentos vividos com seus alunos e por isso deve oferecer a eles recursos para que se tornem um sujeito transformador do seu meio.

A atividade filosófica em sala de aula incita à transformação do indivíduo em seu pensar e no seu agir. Para Chauí (2006, p. 23):

A atividade filosófica é, portanto, uma análise (das condições e princípios do saber e da ação, isto é, dos conhecimentos, da ciência, da religião, da arte, da moral, da política e da história), uma reflexão (volta do pensamento sobre si mesmo para conhecer-se como capacidade para o conhecimento, a linguagem, o sentimento e a ação) e uma crítica (avaliação racional para discernir entre a verdade e a ilusão, a liberdade e a servidão, investigando as causas e condições das ilusões e dos preconceitos individuais e coletivos, das ilusões e dos enganos das teorias e práticas científicas, políticas e artísticas, dos preconceitos religiosos e sociais, da presença e difusão de formas de irracionalidade contrárias ao exercício do pensamento, da linguagem e da liberdade).

Ensinar o aluno a fazer uma leitura de um tema e extrair dele as suas ideias principais é um bom exercício para que o mesmo possa adquirir conhecimento. Não apenas ler por ler, mas aprender a dialogar com o mesmo e debater em sala de aula. Incentivar ao aluno a não desistir, informar que o texto filosófico não é um campo aberto de fácil entendimento. A dificuldade de compreensão é grande e desafiadora com a insistência da leitura aos poucos conseguimos nos moldar ao texto e esse vai se mostrando para nós; é como abrir uma porta no escuro e esperar que a visão se acostume a escuridão.

É importante que os alunos a cada dia aprendam a explorar os textos filosóficos tanto nos seus conteúdos como nas suas formas. Ajudar os alunos a diferenciar existentes estilos dos filósofos, as suas formas de argumentação e conceitos criados por eles.

Certamente cada professor terá de inventar suas táticas, diversas, para explorar a leitura filosófica como movimento de busca de afirmações subjacentes aos ditos, busca de critérios dos julgamentos, busca de reconhecimentos do desenho do raciocínio feito, dos pressupostos das afirmações, das relações entre as partes, do valor dos exemplos e

contraexemplos e das metáforas e analogias na argumentação; busca de descobrir com quem o texto está falando ou quem está respondendo, busca das motivações que levaram às ideias expostas. (ASPIS & GALLO, 2009, p. 99).

O professor deve ser dinâmico, não apenas ensinar o aluno a ler escrever, deve usar estratégias de leitura e de escrita como forma do desenvolvimento do pensamento crítico. O dialogo indispensável entre o professor e o aluno deve ser construído a partir de fundamentos teóricos sobre a identidade da Filosofia e do filosofar, da função e da finalidade da disciplina e, ainda, o que ensinar e como fazê-lo. Reforçar ao docente de Filosofia que o seu papel não é mostrar aos alunos como estes podem se adaptar ao mundo, mas pelo contrário, é apresentar aos discentes os diversos recursos teóricos e de experimentação que podem ser utilizados para pensar, refletir e agir no mundo.

O professor deve provocar nos alunos o convite a pensar, isso se dá, quando ele provoca situações filosóficas na sala de aula, quando todos são convidados a dar a sua opinião, a se expressarem sobre o que se estar sendo discutido. Essa provocação se faz necessário para uma maior compreensão dos conteúdos estudados.

A ABORDAGEM FILOSÓFICA DA EDUCAÇÃO.

Quando pensamos a educação pensamos logo no seu papel social e transformadora diante do mundo. A educação é vista como um veículo de cidadania e mudança social. Pode-se até concordar em parte que ela seja transformadora dentro da sociedade, mesmo sabendo que esta tem o Estado como controladora em seu aspecto social.

A preocupação é o espaço em que é produzida a educação como um todo. Sendo controlada pelo Estado ela vai primeiro responder ao interesse deste. E não acontece mudança no seu espaço por estar comprometida com a permanência das estruturas vigentes.

Com a obrigatoriedade de disciplinas na área humanas como Sociologia e Filosofia, pelo menos uma mudança pequena influenciada por essas disciplinas mais comprometidas com o ser social. É difícil quebrar as estruturas de décadas de domínio no nosso meio escolar. Aqui vamos discutir um pouco sobre a Filosofia e qual o seu papel transformador dentro da escola.

Sabe-se que a abordagem filosófica antecedeu à abordagem científica. E a Filosofia desde as suas origens, preocupou-se com a educação. Os primeiros pensadores procuraram explicar aquilo que o homem comum acreditava, nos mitos e os eventos naturais. Perguntas frequentes eram levantadas em busca de uma explicação lógica. Tudo começou com o espanto do homem em questões que o perturbava, como a existência do ser, a vida e morte, o conhecer. Essas e outras questões que perturbavam o homem em seu dia a dia e precisavam ser respondida.

Para Sócrates, pensar na educação é pensar no homem e vice versa, um faz parte intrinsecamente do outro. Qualquer prática educativa que o homem consciente ou inconsciente participa é regulada pelo homem. A filosofia é um projeto educativo que informa e questiona o homem o que ele é na atualidade e qual o seu futuro?

Nos dias de hoje, se faz necessário incluir a Filosofia em todo o sistema de conhecimento acerca da educação. A questão que inquieta todos no Ensino Médio é sobre como a aula de filosofia pode-se tornar filosófica. É uma questão importante a ser discutida. Para que serve a Filosofia? Essa mesma pergunta também é feita pelos alunos do Ensino Médio, que não encontra nas aulas de filosofia uma resposta para que a mesma faça parte do currículo escolar. As diversas definições de Filosofia que existem, não são fáceis para uma pessoa que não tenha um entendimento sobre os conceitos de filosofia. Principalmente os jovens que se encontram em sala de aula com um ensino defasado e com um currículo imposto.

O conteúdo passado na sala de aula vai depender muito do professor, muitos que não tem uma formação acadêmica se apegam nos livros manuais e tornam as aulas de filosofia sem nenhuma atração para os jovens que buscam respostas concretas naquilo que estudam, principalmente as disciplinas mais tradicionais que é vista por esses como as que aprovam ou desaprovam o aluno.

A arte de ensinar filosofia passa por três aspectos importantes: o que ensinar (conteúdos), para que ensinar (objetivos) e como ensinar (metodologia). Esses três aspectos vão nortear o professor para que ele possa administrar as aulas de forma prazerosa para os discentes do ensino médio.

A filosofia tem um proposito que é oferecer uma compreensão da nossa estrutura conceptual básica. Ela serve para alargar a nossa compreensão do mundo, oferecendo uma visão ampla do nosso cotidiano. Importância da Filosofia no Ensino Médio é reconhecido por todos como algo positivo, pois a mesma ajuda os jovens a entenderem certos aspectos da vida que eles vivem e não entendem porque vivem.

O aluno do Ensino Médio no Brasil, em sua maioria se encontra nas escolas públicas e muitos vem de famílias carentes, de pais analfabetos que não acompanham os estudos dos filhos e não participam da escola.

Se levarmos em consideração a possível condição de classe dos alunos frequentadores dessas escolas, provavelmente não incorremos em erro ao inferirmos que seus interesses possam estar ligados à satisfação de necessidades mais “vitais”, como, por exemplo, conseguir uma ocupação ou um emprego para ajudar a família. De um modo geral, esses alunos não demonstram interesse (pelo menos de modo aparente) pelo currículo de caráter propedêutico, muitas vezes oferecido pela escola. Eles parecem não querer “perder tempo” com a chamada “cultura erudita”, mas querem “saberes prático”. Saberes que os ajudem a se situarem no seu mundo real, no mundo do trabalho. Nesse quadro, qual o sentido que adquire, ou pode adquirir, o ensino de filosofia para esses alunos? Como será que eles percebem a filosofia enquanto disciplina do currículo escolar? (BARBOSA, 2008, p. 134).

Ao buscar entender o perfil do jovem que frequenta a escola no Ensino Médio no país, pode-se ver que não se torna fácil trabalhar o ensino de filosofia nas escolas brasileiras.

Entre os vários problemas existentes na educação brasileira é que as aulas de filosofia não se mostra como um modelo acabado, não oferece respostas e sim levanta problemas para o discernimento do aluno. A Filosofia não é algo pronto, linear, é uma disciplina aberta às discussões que busca no próprio sujeito as suas respostas. Sobre essa questão Murcho nos mostra que a Filosofia é diferente das outras disciplinas:

A Filosofia distingue-se de disciplinas como a história ou a física por apresentar poucos resultados consensuais: a maioria dos problemas centrais da filosofia continuam em aberto. Não há respostas amplamente consensuais sobre se temos ou não o livre arbítrio [...] Isso contrasta com a história, a biologia ou física; pois nessas disciplinas há muitíssimos resultados amplamente consensuais. [...] A filosofia não é uma disciplina empírica como a história ou a física. É uma disciplina a priori ou que se faz pelo pensamento apenas. (MUCHO, p. 213).

Partindo desse pressuposto se entende o porquê o professor de filosofia ter que ser dinâmico e criativo para que os alunos aprendam a gostar da disciplina e possam desenvolver os seus conhecimentos aprendendo a refletir textos filosóficos e a filosofar.

O pensar filosófico da educação é um saber crítico, reflexivo e questionador. São perguntas que gerará a investigação filosófica na sala de aula, cada pergunta é um instrumento para sua construção. A preocupação com a educação começou com

os filósofos na Grécia, no século VI a.C. Desde aquela época já se demonstrava uma intenção pedagógica e formativa inerente ao ser humano, a tarefa de filosofar.

A afirmação é que a Filosofia e o exercício de filosofar influenciam de forma direta a educação, já que o pensamento filosófico usa teorias aplicadas à formação humana que norteiam o processo educativo direcionando as perspectivas nos contextos culturais e sociopolíticos do ser humano.

Os filósofos, desde o surgimento da filosofia na Grécia Clássica, já tinham uma intenção pedagógica e formativa do ser humano. A própria prática dos filósofos estava intimamente vinculada a uma tarefa educativa, o que se pode exemplificar com o estilo sofista e o estilo socrático de atuarem na interação com seus interlocutores, tendo como objetivo o esclarecimento da sociedade e a busca de uma melhor maneira para vivenciar ativamente em seu contexto. (VALLE, 2002).

O pensar filosófico voltado para a educação faz surgir uma preocupação com o ser humano como resultado da ação educativa: uma educação que seja transformadora, que ajude a todos que tenham o contato e o conhecimento da filosofia a pensarem por si mesmo e possam ser agente transformador do seu meio.

A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO PARA ENSINAR FILOSOFIA

Uma das discussões sobre a inclusão da Filosofia no Ensino Médio é a formação do professor que vai ministrar essa disciplina. Muitos dos alunos que acabaram de sair dos bancos universitários e outros sem experiência na disciplina, podem tender para o ensino de filosofia pautado apenas na História da Filosofia. Levam ao conhecimento dos alunos apenas textos de pensadores tradicionais ou apenas comentários de estudiosos desses autores.

Outro problema encontrado é o professor sem a formação de licenciado em Filosofia. A maioria das escolas no Brasil recorre a seu próprio quadro de professores que passam a ser professores de filosofia. Este vai encontrar dificuldades de ensinar, pois se pegam aos manuais e enchem os alunos de informações que nem sempre são dos seus interesses, encontrando alunos que nem sempre quer ouvir, pensar e debater sobre os textos filosóficos.

[...] tomar as coisas pelo meio; não tentar achar primeiro uma das pontas, para depois ir a outra. Não agarrar o meio, porque o sentido do percurso não é fixado segundo um princípio de ordem e sucessão; ele é fixado pela metamorfose movente que atualiza uma das extremidades na que é

aparentemente a mais disjunta. É o que poderia se chamar de método anticartesiano (DELEUZE, 1988 *apud* BADIOU, 2000, p. 159).

Muitas das vezes o professor de filosofia se apega só a uma das pontas do percurso sem possibilidade de rupturas, seguindo os modelos das didáticas tradicionais. Esquecem que existem outros métodos, novos modos de ensinar, pautado em diferentes contextos históricos-culturais que envolvam o aluno e seus conhecimentos.

A tarefa em sala de aula não é só transmitir e apresentar aos alunos textos prontos e estáticos, a aula deve ser dinâmica e participativa. Não basta transmitir os conteúdos e informações que logo são descartadas pelos alunos, a participação destes produz uma nova experiência que se mantém sempre atual.

Não é conhecendo os filósofos e suas obras que o professor de filosofia vai se tornar capaz de transformar o aluno e a sua realidade social. Nos dias de hoje papel do professor em sala de aula mudou muito. Passou daquele que só disponibiliza informações para o que consegue conectá-las e relacioná-las com o aluno e seu meio social.

(...) aprender a filosofar só pode ser feito estabelecendo um diálogo crítico com a filosofia. Do que resulta que se aprende a filosofar aprendendo filosofia de um modo crítico, quer dizer, que o desenvolvimento dos talentos filosóficos de cada um se realiza pondo-os à prova na atividade de compreender e criticar com a maior seriedade a filosofia do passado ou do presente (...). Kant não é um formalista que preconiza que se deve aprender um método no vazio ou uma forma sem conteúdo; tampouco se segue que Kant tivesse avalizado a ideia de que é necessário lançar-se a filosofar sem mais nem muito menos a ideia de que os estudantes deveriam ser impulsionados a 'pensar por si mesmos', sem necessidade de se esforçar na compreensão crítica da filosofia, de seus conceitos, de seus problemas, de suas teorias etc. (OBIOLES, 2002, p. 77)

A ideia é não desvincular filosofia de filosofar, pois uma esta intrinsecamente ligada à outra; se há uma tentativa de separá-las a filosofia passa a ser uma disciplina morta, só com conteúdos soltos e que não ajuda a ninguém a pensar. A filosofia só acontece através de conceitos filosóficos, não há como dispensar uma da outra, filosofia é filosofar e vice e versa.

Partindo desse princípio deve-se que afirmar que o professor de Filosofia deve ser alguém que fez um curso universitário de Filosofia e não qualquer professor que pertença ao quadro de funcionários da escola. Para ensinar Física ou Química e qualquer outra disciplina não podemos chamar de professor de filosofia só porque está ministrando aulas de filosofia. Cada um na sua função, já que o

professor de Física apenas ensina fórmulas de como resolver problemas de Física, já o de Filosofia promove a produção filosófica.

As aulas de Filosofia tem um professor orientador, que junto com seus alunos vais criar saídas para os problemas investigados. Vai usar a sua prática e a prática dos alunos para discutir temas sem fórmulas prontas para apenas serem produzidas. Ele traz o novo a cada aula, coloca a disposição dos seus alunos aquilo que ele conhece e pode compartilhar com os mesmos. Incentiva os alunos a criarem e pensarem filosoficamente, buscando compreensão, questionado e encontrando saídas.

Ora, parece-me que a atividade filosófica do mestre consiste em gerar ou dar poder ao outro: isto quer dizer também fazê-lo responsável. Nisto reside a fecundidade, a atividade de “produzir” a capacidade de pensar, dizer e agir de outro, que implica a realização de pensamentos, palavras, ações diferentes das do mestre, que lhe escapam ao querer e ao “controle” (...). Querer que o outro pense, diga e faça o que queira, isto não é um querer fácil. (LANGÓN, 2003, p. 94).

O professor de filosofia ajuda o aluno a ser ele mesmo, um ser pensante que possa discutir com clareza as suas dúvidas e certezas, ser um ser singular que pode perde-se e voltar a se encontrar. Isso é, o homem em constante transformação de si mesmo.

As aulas de filosofia deve ser um espaço aberto para novas criações e provocações, provoca o surgimento de pensamento original, a busca da compreensão, a imaginação criativa. O professor passa a ser um provocador em sala de aula e assim vai formando uma equipe pensante e participativa, revolucionando as aulas ao mesmo momento em que o objetivo é construir saídas filosóficas para os problemas que vão vivenciar.

A intenção do professor de filosofia é apostar no que virá, é contribuir para a educação do outro para que ele possa ser outro que cria o seu mundo autonomamente. E o professor passa apostar na sua mudança.

Larrosa, explica que o papel da educação como figura do porvir:

A educação como figura do porvir é, por exemplo, dar uma vida que não será a nossa vida nem a continuação da nossa vida, porque será uma outra vida, a vida do outro, e porque será o porvir da vida ou a vida por vir. Ou dar um tempo que não será o nosso tempo nem a continuação de nosso tempo, porque será um outro tempo, o tempo do outro, e porque será o porvir do tempo e o tempo por vir. Ou dar uma palavra que não será a nossa palavra nem a continuação da nossa palavra porque será uma outra palavra, a palavra do ou tro, e porque será o porvir da palavra ou a palavra por vir. Ou dar um pensamento que não será o nosso pensamento nem a continuação do nosso pensamento, porque será um outro pensamento, o pensamento do outro, e porque será o porvir do pensamento ou o pensamento por vir.

Ou dar uma humanidade que não será a nossa humanidade nem a continuação da nossa humanidade, porque será uma outra humanidade, a humanidade do outro, e porque aí entra em jogo o porvir do homem ou o homem por vir. Desse ponto de vista, a educação tem a ver com o talvez de uma vida que nunca poderemos possuir, com o talvez de um tempo no qual nunca poderemos permanecer, com o talvez de uma palavra que não compreenderemos, com o talvez de um pensamento que nunca poderemos pensar, com o talvez de um homem que não será um de nós. Mas que, ao mesmo tempo, para que sua possibilidade surja, talvez, do interior do impossível, precisam de nossa vida, de nosso tempo, de nossas palavras, de nossos pensamentos e de nossa humanidade. (LARROSA, 2001, p. 289).

O professor em sala de aula tem que ter o domínio daquilo que expõe, não é só chegar com uma aula pronta e a expor para os alunos sem uma preparação prévia; ele deve estar preparado para os questionamentos e dar respostas satisfatórias para os jovens que serão em sua maioria os professores do amanhã. Aqueles que se bem preparados podem no futuro fazer uma educação com mais qualidades, uma educação revolucionária e participativa, onde professor e aluno sejam formadores mútuo.

O horizonte da filosofia no ensino formal busca, para além de uma abstração prática, uma prática que, abstraída, se constitua como perspectiva de ação transformadora do mundo. Por uma questão de compromisso prático e pedagógico é preciso esforçar-se para propor e pensar a Filosofia mesmo onde seu espaço comprimido num horizonte pedagógico sem identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto, o professor de filosofia tem um desafio muito grande ao entrar em uma sala de aula. Ele vai encontrar alunos sem nenhuma preparação para leitura e muito menos a pensar e refletir com um pensamento crítico.

Ele deve utilizar a realidade, a cultura de seu alunado, que já são matérias suficientes para um começo. E que isso facilitaria para que o professor fizesse essa ponte de ensino-aprendizagem, do senso comum para o crítico. E que ele deve encarar esse desafio como já falou o grande educador pernambucano Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia* (Freire, 1996). “aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e aventura do espírito”.

A filosofia é algo novo para os alunos, e o novo já incomoda, mas a filosofia vai além do novo, pois ela incentiva a investigação, e que não obtém resultado imediato e isso torna-se um problema para a sociedade do imediatismo. Essa dificuldade deve ser quebrada, e que a filosofia se torne esperança, mas não a solução como alguns pensaram, mas que ela exerça seu papel de levar o aluno a uma reflexão crítica, e a sua dignidade.

Aos futuros professores de Filosofia, nada mais pertinente do que tomar conhecimento de como as aulas são ministradas para os alunos do Ensino Médio. Procurar fazer o diferente ao encontrar deficiência da disciplina entre os alunos, isso é, nada mais do que observar como a postura pedagógica e métodos de ensino dos professores já atuantes, conhecendo também os desafios da atividade de docência.

Faz-se necessário que as aulas de Filosofia não estejam voltadas apenas para à transmissão de conceitos. Que possa ser um convite a atividade reflexiva e ao diálogo, entendendo que não se pode negligenciar as teorias filosóficas que já foram formuladas, mas dando real importância ao desenvolvimento da capacidade de elaboração do pensamento crítico e do processo argumentativo do aluno.

ABSTRACT

This paper aims to discuss Philosophy in Secondary Education approved by the CNE/CEB Opinion nº 38/2006, which ensures the inclusion of the disciplines of Philosophy and Sociology as compulsory curricular components. It is felt that the measure has several advantages for student learning; on the other hand, the measurement has brought with it the need for a more in-depth discussion about the nature of Philosophy and what can be expected of it as a compulsory discipline for High School. On the other hand, the greatest problem is in relation to the professor of Philosophy, who has never attended a Philosophy Course at a University and applies the discipline without any foundation or knowledge of the discipline. Research by the Ministry of Education itself indicates that the problem is more serious than one might think. Being the role of the teacher make the necessary mediations in search of an autonomy. And, at the same time, valuation of the thought of the individual, with the necessary foundations acquired by the philosophical knowledge. In this way, when the teacher does not have the specific training, great harm is implied for the formation of the student. We have an ideal that should be achieved with the application of the philosophy in the classroom, but what was observed is beyond these guiding principles, because we have two confrontations: unprepared teachers and students with malformation. Therefore, the teaching of philosophy must be rethought with great caution, because, in the patterns observed by the research, the situation is critical and what educational policies present for the teaching of the same is not being implemented.

Keywords: Philosophy of Education. Teacher Training. High School.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ASPIS, Renato Lima. GALLO, Silvio. **Ensinar Filosofia: Um Livro para Professores**. São Paulo: Atlas, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2008.

BADIOU, A. **Da vida como nome do ser**. *In*: ALLIEZ, E. (Org.). Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Editora 34, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Convite a Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2006.

DEWEY, John. **Como Pensamos**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

GHEDIN, Evandro. **Ensino de Filosofia no Ensino Médio**. São Paulo: Cortez, 2009.

LANGÓN M. Filosofia do ensino de filosofia. *In*: GALLO, S.; CORNELLI, G.; DANELON, M. (Org.). **Filosofia do ensino de filosofia**. Petrópolis: Vozes, 2003.

LARROSA J. **Dar a palavra. Notas para uma dialógica da transmissão**. *In*: LARROSA, J.; SKLIAR, C. Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MURCHO, Desidério. **“Definição”**, *In* Enciclopédia de Termos Lógico-Filosóficos, org. de João Branquinho, Desidério Murcho e Nelson Gomes. S. Paulo: Martins Fontes, 2006.

OBIOLS G. **Uma introdução ao ensino da filosofia.** Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 2002.

RANCIÈRE J. O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2002.

VALLE, Lílian do. **Os enigmas da educação:** a Paidéia democrática entre Platão e Castoriadis. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.